

Narrativas do cotidiano: As mulheres constroem Histórias¹

João Maia²

Claudia Domingues³

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, RJ

Resumo

As mulheres contam boas histórias. História que constrói memórias e vestígios do passado inscritos no espaço, no tempo, na linguagem e na tradição; tornando assim visíveis lugares de experiência e realidade simbólica até então muito pouco contadas e registradas de maneira convencional. A Nova História traz à tona escritos, narrativas e imagens construídas por mulheres. Mostraremos a vida de seis mulheres que vivem intensamente um cotidiano compartilhado, criando redes de solidariedade, onde podemos constatar a existência da força poderosa da sociabilidade comunitária. Elas ignoram certas regras dentro de uma hierarquia de gêneros e, ao mesmo tempo, negociam seus desejos e vontades no cotidiano das cidades através de brechas cavadas na sociedade.

Palavras-chave: feminismo; mulheres; comunidade; história; cotidiano.

Introdução

Vamos contar a história de seis mulheres. Suas vidas são separadas por alguns séculos, mas através das lindas narrativas registradas em cartas e em um filme documentário podemos refletir sobre a situação da mulher no dia a dia, ontem e hoje. Iremos compartilhar com essas mulheres histórias cotidianas, por vezes, consideradas banais pelos homens mais conservadores. Mas isso não nos surpreende, pois, a história foi cansativamente contada por homens que se consideravam com poder para determinar racionalmente o sentido da sociedade: padres, políticos, jornalistas, senhores de engenho, fazendeiros, homens da literatura, advogados, intelectuais e outros.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor associado da Faculdade de Comunicação Social (FCS/UERJ) e coordenador do grupo de pesquisa CAC – Comunicação, Arte e Cidade (CNPq/PPGCOM/UERJ). Contato: cac_mangueira@hotmail.com.

³ Doutoranda em Comunicação (PPGCOM/UERJ). Mestra em Pesquisa e Clínica (PPGSA/UERJ). Membro do grupo de pesquisa CAC – Comunicação, Arte e Cidade (CNPq/PPGCOM/UERJ). Funcionária do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro. Contato: claudiadomingues@superig.com.br.

Porém, através das histórias em fragmentos da vida de algumas mulheres poderemos abrir novas possibilidades de entendimento do feminino na sociedade moderna. Sabemos que a vida sensível de alguns personagens foi esmaecida pela história oficial que sempre descreveu os grandes feitos masculinos. No entanto, a Nova História traz à tona escritos, narrativas e imagens construídas por mulheres que, durante séculos, alguns historiadores, que narravam a construção da grande História, as situavam na frivolidade e superfície da vida. Acreditamos que a ausência sistemática de figuras femininas na história tradicional se deve mais a uma opção discursiva ideológica do que a uma deficiência de atuação do gênero. As mulheres contam boas histórias, também. História que constrói memórias e vestígios do passado inscritos no espaço, no tempo, na linguagem e na tradição; tornando assim visíveis lugares de experiência e realidade simbólica até então muito pouco contadas e registradas de maneira convencional.

A *micro-história*, conforme aponta Burke (2002), possibilita falar do modo como as pessoas comuns experimentam e vivenciam a sociedade. Desta forma, as narrativas e feitos das mulheres possibilitam entender o cotidiano e o espaço da experiência no mundo compartilhado.

Do passado e do presente

Natali Zenon Davis mostra claramente como algumas mulheres marcaram a História e conseguiram narrar seus feitos. Davis (1997) reconstituiu com extrema sensibilidade a vida de três mulheres, que através de suas cartas, escritos pessoais e vivências, conseguiram revelar muito mais sobre a história das mulheres e o nascimento do mundo moderno do que inúmeros documentos e dados oficiais. Assim, Glikl Bas Judah Leib, Marie de L'Incarnation e Maria Sibylla Merian, explicitaram o cotidiano e a cultura da mulher, com riqueza de detalhes e, com extrema destreza, a sociedade no século XVII.

O grupo de pesquisa CAC, Comunicação, Arte e Cidade (CNPq/PPGCOM/UERJ), produziu o filme documental *Ramigos da Mangueira* (2013), no qual três mulheres jovens relatam o cotidiano de uma favela carioca e dos lugares por onde circulam. Flávia Louzada, Chris Carvalho e Bárbara Camilo nasceram e moram na Favela da Mangueira, especificamente em uma parte do morro chamada Candelária, na Zona

Norte da cidade do Rio de Janeiro. Neste filme as meninas apresentam, de maneira clara e sensível, como os modos talhados por algumas mulheres marcam a cidade contemporânea.

E assim apresentamos essas mulheres:

Glikl Bas Judah Leib, nascida em Hamburgo em 1646 ou 1647, uma judia religiosa, mas acima de tudo uma mulher de negócios que falava e escrevia em alemão. Uma mulher determinada que, durante trinta anos, escreveu sua autobiografia editorialmente conhecida no final do século XIX, como *Glückel von Hameln* ou *Gluckel de Hameln*. Davis indaga, em sua pesquisa, “que recursos culturais podia dispor uma mulher judia na Europa seiscentista – recursos que ela pudesse utilizar em seu proveito, que fornecessem as notas capazes de fazê-la encontrar a própria voz? ” (DAVIS, 1997, p. 17).

Os costumes de Glikl Bas Judah Leib eram comparáveis com das luteranas mais instruídas da Hamburgo seiscentista, em uma Europa onde ainda não eram conhecidas mulheres de grande erudição. No entanto, surgia nos salões da cidade, principalmente a partir das ideias do Iluminismo do século XVII, um pequeno número de mulheres literatas que pertenciam às famílias mais abastadas.

Na obra também fica claro que o mundo era construído a partir de suas necessidades, desejos, melancolias e angústias da vida. A beleza e a amargura da construção de uma história miúda estão evidenciadas. Desta forma, Glikl esboçou de forma minuciosa, o ponto de vista de algumas mulheres de sua época em relação ao seu mundo.

Outra mulher apontada por Davis (1997) foi Marie de Guyart, nascida em 1599, na cidade de Tours na França, centro eclesiástico e judiciário da região, em uma época marcada por guerras entre católicos e protestantes. Ainda jovem, no ano de 1631, Marie que era uma mulher de grande talento para escrita e negócios se despediu de sua família e seguiu para o Canadá, deixando seu filho ainda pequeno aos cuidados de sua mãe, para abraçar uma vida de preceitos religiosos, quando se tornou Marie de l’Incarnation.

Marie de l’Incarnation parecia ter assumido, naquela época, um pacto de *sororidade*⁴ com outras mulheres, uma vez que alguns relatos extraídos da sua bibliografia confirmam que a religiosa aceitava em sua ordem mulheres de diferentes camadas sociais sem nenhum tipo de discriminação. Para Marie “no convento apenas a virtude importava, não o berço” (idem, p. 75). Em uma passagem dos seus escritos, ela descreveu que uma esposa que desobedecera ao marido foi açoitada em público e no dia posterior bateu na porta do convento das ursulinas, local onde foi acolhida, instruída e batizada.

A vida religiosa de Marie foi caracterizada por uma atividade intelectual dedicada por longos anos ao magistério e à oratória. Desta forma, conforme destaca Davis, sua trajetória se distinguia do padrão de vida da maioria das mulheres de sua época. Era diferente da vida de como as mulheres eram representadas, já que essa parte da História é sempre escrita e contada a partir do ponto de vista masculino.

Os escritos revelados de Marie deixam à vista que, além da religiosidade, ela também se interessava e escrevia sobre as banalidades e as trivialidades das vidas das pessoas e do dia a dia. “Marie de l’Incarnation não demonstra grande interesse etnográfico. Eventualmente fornece detalhes fascinantes – sobre os corpos engordurados das meninas; os alimentos que os algonquinos devoram nos banquetes oferecidos pelo convento” (DAVIS, 1997, p. 104)

Outra mulher com grande destaque para a História, segundo Davis, chamava-se Maria Sibylla Merian, nascida em Frankfurt, em 1647, de família protestante, pintora e escritora de grande importância para os estudos de entomologia e botânica.

Maria se destacou entre cientistas, botânicos e colecionadores da cidade de Amsterdam. Uma mulher com uma trajetória repleta de aventuras e descobertas. “Desse trabalho emerge uma mulher curiosa, obstinada, discreta, versátil, que enfrentou uma mudança religiosa e familiar graças a sua ardorosa busca das relações e da beleza existente na natureza” (DAVIS, 1997, p. 133).

⁴ Entendemos como sororidade uma aliança de fraternidade entre as mulheres que se reconhecem irmãs e que pretendem mudar a sua própria realidade como mulher, em uma dimensão ética, política e prática do feminismo contemporâneo.

Apresentamos três mulheres que não participaram diretamente da construção da grande História, no entanto é possível vislumbrar nas memórias e nas obras das personagens o cotidiano banal do dia a dia de suas vidas e também suas aventuras no século XVII. São pessoas que narram e criam a sociabilidade de uma época. Essas mulheres viveram as relações urbanas e estruturas sociais. Elas ignoram certas regras dentro de uma hierarquia de gêneros e, ao mesmo tempo, negociam seus desejos e vontades no cotidiano das cidades através de brechas cavadas na sociedade. Elas nos apresentam um mundo construído a partir da razão sensível.

Christiane Carvalho, na época de exibição do documentário, tinha 21 anos e estudava direito. Hoje é advogada, exerce a profissão em um escritório de advocacia no centro da cidade e continua morando na comunidade. Filha da Elma, dona do bar que se situa bem na entrada da localidade Candelária, no morro da Mangueira, Chris arrumava tempo para ajudar a mãe a servir as mesas do bar nos finais de semana. É uma mulher negra, bonita e sorridente que fala com praticamente todos que passam pela porta do bar. É claro que fala da vida dos outros e sobre a dela também. Espalha o seu estilo de vida pelas vielas do morro. Exerce a troca permanente de experiências vividas na comunidade e na cidade de maneira geral. A circulação é intensa no seu cotidiano, troca informações ininterruptamente entre a cidade e o seu local. Chris é uma agente comunicacional.

Bárbara Camilo na época da exibição do documentário (2013), tinha 19 anos e cursava o ensino médio em um colégio da Zona Norte da cidade. Hoje cursa a faculdade de direito, estagia em um escritório no Centro do Rio de Janeiro, já morou com a mãe em Del Castilho e agora mora em outra parte da comunidade da favela da Mangueira com o pai. A jovem que continua sorridente e comunicativa, como na época da filmagem do documentário, circula de maneira desenvolta pela cidade para festejar a vida. É uma mulher negra, alta com cabelos cacheados, evidentemente muito vaidosa e participa de vários grupos de amigos no *facebook* (ver Babi Camilo). É uma mulher de muitos amigos, em muitos lugares diferentes da cidade e estão todos registrados na sua *linha do tempo*. A favela está na cidade e o espírito comunitário contamina a todos. Existe uma efervescência que se evidencia na festa que comemora o cotidiano. Ela diz afetuosamente que ama “com defeitos, qualidades, com tudo...”, não exclui ninguém “por cor, crença ou qualquer outro tipo banal de rótulo”, mas, termina o raciocínio de

forma irônica afirmando: “sempre fui seletiva”. A Babi circula por várias tribos urbanas diferentes e assim coloca holofotes iluminando algumas formas de sociabilidades de hoje, o nosso espírito do tempo.

Flávia Louzada diz que sempre quis ter filho, e naquele momento, o sonho se transformava em alguma coisa mais realizável. Em um primeiro momento poderíamos pensar, a partir das imagens do filme, que se tratava do sonho de uma dona de casa agarrada às tradições, pois o chá de bebê organizado na favela, para comemorar a chegada dos filhos gêmeos que a Flávia esperava era extremamente familiar. Estavam presentes; o pai das crianças, sogra, cunhada, cunhado, irmão, mãe, amigos próximos e distantes. A mesa do bolo da festa estava decorada com muitas balas e potes e mais potes de doces, era uma brincadeira lúdica transformada em cores, músicas, barulhos. Aparecia, transformada em imagens, uma mulher realizada com a chegada das crianças e nada mais importaria naquele momento de celebração. Ali estavam, supostamente, à primeira vista, apresentadas as tradições matrimoniais convencionais e se delineava a formação da família. Enfim, ela seria uma doce mulher caseira que tinha escolhido o pai do seu filho. Ela não abre mão de suas escolhas, seus desejos, mesmo que isso venha acompanhado de angústias de um tempo que passa rápido. Um dos filhos que esperava nasceu morto. Ela se separou do pai da criança, na verdade, ela nunca foi casada legalmente, no papel. Voltou a morar na Candelária, sozinha e cuida do filho que mora com ela. É creche, comidinha fresca feita para a criança, compras de roupas, shopping, cinema, namorar, e trabalhar muito. Está de volta à faculdade e isso é motivo para sonhar de novo com a vida que se transforma em algo realizável. Assim é o cotidiano de uma mulher que fez as escolhas pelos seus desejos. Parece-nos que a intensidade é colocada no instante, no aqui e agora, no momento.

Aqui seria o momento da nossa reflexão para colocar e ampliar a questão colocada por Davis na apresentação que fizemos das nossas três mulheres: que recursos culturais podia dispor uma mulher moradora da favela no Rio de Janeiro dos dias de hoje – recursos que ela pudesse utilizar em seu proveito, que fornecessem as notas capazes de fazê-la encontrar a própria voz? (DAVIS, 1997, p. 17).

O cotidiano é uma festa

Duby (1980) observa que se quisermos entender os hábitos e comportamentos dos homens de qualquer época é indispensável interessar-se pelas ideias, pois uma sociedade não se explica somente pelo material, mas também “por aquilo que as pessoas têm no espírito e que determina o seu comportamento” (DUBY, 1980, p. 11). As formas e as metodologias de pesquisas que investigam o social hoje em dia, cada vez mais, observam a manifestação da história através das *fontes narrativas* do cotidiano.

Perante cada fenômeno, até nos aspectos mais banais da vida cotidiana, sou sempre tentado a pôr-me as questões seguintes: desde quando? É antigo? Novo? De onde parte? Quero conhecer sua origem e situá-la numa genealogia, quer se trate de um veículo, de um frigorífico, de um garfo, de umas calças, de um preservativo, de um gesto como o beijo, de um sinal como o sinal da cruz, etc. (DUBY, 1980, p. 25).

Para a leitura de um determinado tempo social e de sua *cultura*, Duby (1980) assenta que é importante pesquisar suas manifestações, suas memórias, pois mesmo que falseadas pelas narrativas elas deixam rastros, uma vez que a memória da modernidade não se apaga totalmente. Portanto é preciso ter uma nova maneira de olhar o cosmos social, dando abertura para a diferença e para o novo (idem, p.35).

A história do cotidiano, a investigação da vida privada e as miudezas da vida das pessoas têm fornecido um firme alicerce para a construção das narrativas sobre os fatos da grande História. Le Goff (1984, p. 87) ressalta que as histórias dos antepassados se preocupavam muito mais com a paisagem do coletivo das elites, do que pela sensibilidade popular e personagens que viviam às margens.

Na atualidade, no cotidiano da universidade carioca observamos como é marcante a maneira como alguns alunos e professores valorizam as culturas da cidade, possibilitando um novo olhar sobre as pessoas comuns, onde palavras, gestos e corpos dão acesso aos diversos estilos de vida, às diversas visões de mundo. “Este casamento da etnologia com a história em torno da questão do cotidiano só pôde fazer-se porque a história se conseguiu subtrair ao fascínio dos acontecimentos e do seu ritmo trepidante...” (LE GOFF, 1984, p. 90).

As datas comemorativas oficiais até devam, talvez, ter a sua existência questionada já que podemos festejar a riqueza do dia a dia das pessoas diante do nosso olhar. Essa riqueza é tão poderosa que podemos apreciá-la no imaginário da cultura

feminina, simplesmente, lendo suas histórias miúdas, traduzidas em cartas pessoais, diários, livros, filmes. Nesses registros das mulheres expressos em formas de vestígios do passado recheados de doçuras, lembranças da angústia, do amargor dos conflitos e desejos de amores, cada vez mais intensos, observamos as maneiras como elas ocupam a cidade, vivem o contemporâneo e o seu tempo. Hoje, na contemporaneidade, é claro, temos as redes sociais digitais como um lugar privilegiado para se olhar e compreender a sociedade, o mundo compartilhado. Acreditamos que as datas comemorativas, não oficiais, chamem os atores sociais a festejar exatamente todos esses sentimentos banais e diários. A festa está na intensidade do cotidiano.

No seio do cotidiano há uma realidade que se manifesta de forma completamente diferente do que acontece nas outras perspectivas da história: a memória. A grande História é dividida por comemorações, a história do cotidiano revela-nos o sentimento daquilo que muda, bem como daquilo que permanece, a própria percepção da história. Cabe ao historiador fazer desse dado, o vivido cotidiano da história, um objeto científico. (LE GOFF, 1984, p. 95).

As pesquisas acerca da história das mulheres realizadas por Natalie Davis, Joan Scott, Olwen Hufton e muitos outros pesquisadores, mostram que o estudo historiográfico é, também, marcado pelo imaginário feminino e não apenas por uma visão masculina. Concordamos totalmente com Burke quando afirma que o feminismo deu enorme contribuição indireta para a escrita da “história a partir da base”, a história da mulher oferece nova perspectiva sobre o passado (BURKE, 2002, p. 76). Vimos claramente que o movimento feminista visitou a história da mulher de modo original e apresentou mundos nunca antes visitados, pois estavam escondidos pelo cotidiano, por uma relação de afeto pela memória. O mundo masculino e racional moderno não se permitiria ler o mundo a partir de uma razão tão sensível.

O movimento feminista que floresceu a partir dos anos 60 em diante, discutindo as diversas formas de opressão às quais as mulheres eram submetidas, ao mesmo tempo revelou a problemática dos papéis sociais e a ideia de que, tanto o feminino quanto o masculino, são construídos socialmente. Essa problemática, que não é nova, já foi longamente discutida, desde que Freud recusou a reduzir a sexualidade e seus desdobramentos ao seu nível anatômico e fisiológico.

A partir dos anos 60 foi dada maior importância à vida social, ao trabalho diário, à mobilidade social das mulheres. Burke (2002) levanta vários questionamentos sobre a situação e o papel das mulheres na história não documentada formalmente, sustentando, simplesmente, que não se pode ignorar a influência da mulher no núcleo familiar e na economia doméstica da família. Sabemos, a partir do nosso cotidiano, que a história de uma família pode passar pela escolha do cardápio na hora do almoço de domingo. As escolhas dos alimentos nem sempre são aleatórias nessas comemorações familiares. O pernil, farofa, arroz, salada de batata e molho à campanha são marcas na mesa de muita família mineira que mora distante de sua terra natal, por exemplo. O cardápio faz lembrar o local de onde se veio.

O autor lembra que as atividades de muitas mulheres vendedoras de alimentos na rua, no início do século XIX na Cidade de São Paulo, só foram recuperadas por meios indiretos, como através de registros judiciais sobre discussões e crimes cometidos durante o trabalho. O Burke aponta que o trabalho da mulher foi ignorado e não registrado oficialmente, em boa parte, por causa das pesquisas terem sido realizadas por funcionários do sexo masculino, que ajudaram a manter o problema da *invisibilidade* (BURKE, 2002, p. 77).

A partir de Giddens (1993, p.11), refletimos sobre o momento em que o controle masculino começa a se esmaecer, perder a força e o vigor. A mulher no final do século XVIII, no momento em que pode fazer uso da *sexualidade plástica*, se liberta da necessidade da reprodução. Essa nova forma de sexualidade oferece à mulher maior poder em relação ao prazer e ao domínio de seu corpo. “Ao mesmo tempo, em princípio, liberta a sexualidade da regra do falo, da importância jactanciosa da experiência sexual masculina” (GIDDENS, 1993, p.10). Essa transformação da intimidade de alguma forma subverte os *modus operandi* institucionais como um todo e produz modificações na organização familiar.

A partir do século XIX, os laços matrimoniais começam a ganhar novas perspectivas, indo para além das uniões de cunho quase que exclusivo de interesses financeiros. Giddens (1993, p. 36) coloca que a ideia de *amor romântico* começa a frutificar e se difundir entre a população, especialmente, nos grupos burgueses, sendo inspirada principalmente pela literatura romântica da época. O lar conjugal torna-se o

ambiente de amparo emocional e dissociado do trabalho e a ampla família começa a se reduzir.

As mudanças sociais começam a acontecer de maneira irreversível e profunda após a Primeira Guerra Mundial. Giddens (1993) observa que no Reino Unido, o médico do rei, Lord Dawson, discursa em 1921, contradizendo os dogmas da Igreja, e aponta a importância do controle de natalidade e o planejamento familiar. A sexualidade começa, assim, a tomar outro rumo, especialmente, em razão do surgimento de métodos modernos de contracepção, bem como a mulher começar a poder dizer não ao sexo sem consentimento.

Assim, a partir da Primeira Guerra Mundial, o controle de natalidade passou a ser quase uma condição na maior parte dos países devastados. Além de reduzir o tamanho das famílias trouxe uma mudança significativa para a vida das mulheres e dos homens. “A sexualidade tornou-se maleável, sujeita a ser assumida de diversas maneiras, e uma ‘propriedade’ potencial do indivíduo” (GIDDENS, 1993, p. 37).

Na atualidade, os diferentes métodos de procriação tornaram-se um dos grandes marcos da revolução sexual, pois não podemos ignorar que em grande parte da história das mulheres o prazer sexual estava associado à ideia da procriação. A revolução sexual das últimas décadas abriu caminho para várias questões, como o alcance de maior autonomia do gênero feminino e visibilidade para homossexualidade, tanto masculina quanto feminina.

As mulheres e a comunidade de afetos

Na contemporaneidade, sonha-se com igualdade sexual crescente no mundo, onde ambos os sexos realizem mudanças sociais e culturais. Tais mudanças já são possíveis de serem vividas e negociadas nos relacionamentos e nas novas formas de intimidade, identidades e compromissos. Essas experiências no cotidiano geram transformações sociais dentro das famílias, nas relações entre os sexos e principalmente abre caminhos para inusitados tipos de sexualidade e de gênero.

As mudanças são inevitáveis de ocorrerem na história das mulheres e, claro, que são misturadas com as mudanças na ordem familiar. Desta forma, para compreendermos o nascimento da família e os papéis sociais desempenhados pelos seus membros,

pensaremos na sua origem. Burke (2002) aponta que a história da família é um campo de estudo que cresceu muito nas últimas décadas e convidou as Ciências Sociais para um amplo diálogo.

Quando Burke trabalha com a obra de Frédéric Le Play (1871), no clássico *L'organisation de la famille – A organização da família* – podemos ver três tipos principais de família. Em primeiro a família *patriarcal* ou *conjunta*, onde os filhos homens casados habitavam sob o mesmo teto; a *instável* atualmente nomeada como família *nuclear* ou *conjugal*, onde todos os filhos, do sexo feminino ou masculino, deixam a casa ao se casarem; por último, a família *tronco*, que em sua configuração apenas um filho casado permanece com o pai.

A ideia de família se modifica continuamente e sua função social vai muito além de uma simples unidade residencial, pois ela se apresentou durante um longo período como unidade social, econômica e jurídica muito objetivada e normatizada pelo Estado. No entanto, tem uma função também muito importante – a da *comunidade moral* (BURKE, 2002, p. 81), local no qual os seus membros se envolvem emocionalmente e se identificam. Hoje, a família pode ter várias configurações e o conceito de comunidade tornou-se muito importante para os estudos culturais pelo fato de revelar diferenças culturais interessantes entre os grupos. Voltamos a pensar aqui nas nossas mulheres que construíram história na sociedade do século XVII e nas que convivem conosco, em uma favela carioca. A francesa Marie de Guyart que deixa o filho com a mãe e vive os seus desejos religiosos em um convento, onde exerce o sentimento de *sororidade*, montando uma rede de solidariedade com outras mulheres de sua comunidade. Pensamos também na Flávia Louzada, moradora da Candelária, que tem o desejo de ter um filho e que na intensidade da emoção cria a sua própria forma de família, em sua comunidade. As duas mulheres vivem e criam redes de solidariedade que sustentam as suas escolhas. As duas narram a sociabilidade de uma época. As duas recorrem a um recurso cultural, para expor os seus desejos, que estão ancorados na dimensão sensível e afetiva da rede de solidariedade.

A comunidade geralmente é permeada pela solidariedade e *sororidade* entre as mulheres, mas também, não negamos, é um local de conflitos, problemas sociais, econômicos e políticos. Vários aspectos envolvem a vida em comunidade, dentre os

quais as questões referentes às afinidades e interesses mútuos. Da mesma forma como ocorre dentro do seio familiar, a comunidade se apresenta como um local de negociação (BURKE, 2011, p. 123).

Conforme Burke, os *desprivilegiados* não renunciam aos valores dos dominantes, no entanto fazem uso da *resistência* ou das *estratégias* da negociação. “A estratégia adotada é defensiva, apropriada à posição de subordinação – subversão em vez de confrontação, táticas de guerrilha e não guerra declarada –, porém ainda assim, resistência” (BURKE, 2002, p. 123-124). Assim, podemos considerar a transmissão oral como uma forma de resistência, pois ela se distingue por modos e estilos próprios e os receptores acabam selecionando, adaptando e assimilando as mensagens de forma subjetiva.

Narrativas das mulheres

A *cultura* é um conceito que carrega uma gama enorme de definições, mas nos últimos anos passou a receber uma atenção especial entre os historiadores. O termo tem ganhado maior significado e amplitude e vem sendo pensado como um “elemento ativo e não passivo” em constante mudança e fragmentação, onde os eventos podem ser narrados e descritos a partir de múltiplos pontos de vista (BURKE, p. 164-175). A cultura pode ser compreendida como recurso para ativar elementos produtivos de uma sociedade ou comunidade e trazer melhorias materiais ou simbólicas para a localidade (YÚDICE, 2004).

As tradições são inventadas (HOBBSAWM e RANGER, 2002) e, na sua maioria, transmitidas pela via oral, através das narrativas, das brincadeiras, dos rituais e dos comportamentos dos grupos nas festas e nos banquetes comunitários, nas celebrações da vida que ocorrem cotidianamente. Thompson chama a atenção para as generalizações feitas em torno do que se convencionou chamar entre alguns historiadores de *cultura popular*, pois muitas vezes tais generalizações tendem a se esvaziarem quando não são apoiadas em contextos específicos. “Desse modo, assim espero, a ‘cultura popular’ é situada no lugar material que lhe corresponde” (THOMPSON, 1998, p. 17). Assim, mostramos como a vida banal de três mulheres, que moram em uma favela, é capaz de (trans)formar todo um ambiente cultural. Elas usam e abusam de blogs, *facebook*, festas, encontros fortuitos registrados em fotos que

circulam em ambientes virtuais, nas relações que se dão nas esquinas dos becos da favela e nas avenidas da cidade como um todo, para projetar as suas vozes e inaugurar diversas formas de sociabilidades.

Thompson nos alerta sobre a importância do pesquisador ter um olhar que vai além dos aspectos econômicos, em razão de uma sociedade não se explicar apenas por esta via. A exemplo da *economia moral* do século XVIII, ocasião em que é necessário examinar o comportamento, suas minúcias e sentimentos de forma a apreender as regras invisíveis e as expressões simbólicas daquele contexto. Assim, a análise da economia moral possibilita compreender as tradições, negociações e das relações, comportamentos de um determinado grupo.

Durante décadas a história social sistemática tem se mantido na retaguarda da história econômica, e isso continua até os dias de hoje toda vez que se admite que uma qualificação na segunda disciplina automaticamente confere proficiência na primeira. (THOMPSON, 1998, p. 151)

O autor apresenta como exemplo os *motins de fome* na Inglaterra do século XVIII, que foram tratados pelos historiadores apoiados em uma visão reducionista, ignorando as ações populares, as vidas das pessoas e outros estímulos que se encontram presentes em qualquer sociedade. Assim, coloca que essa visão é apoiada em um *reduccionismo econômico crasso* e explica que o comportamento não pode ser reduzido apenas ao estímulo da fome.

A História, na atualidade, tem procurado resgatar a memória de mulheres que foram também sujeitos históricos ativos. Thompson apresenta que na Inglaterra no *motim da fome* as mulheres participaram de diversos movimentos reivindicatórios e revolucionários e tiveram papel significativo na vida social e política.

Um grupo de mulheres [...] foi até o moinho de vento de Gosden, onde, atacando o moleiro por lhes ter fornecido farinha escura, elas se apoderaram do pano com que ele estava peneirando a farinha [...] e cortaram-no em mil pedaços; ameaçado fazer o mesmo com todos os utensílios. [...]. Mais tarde a líder amazona dessa cavalgada de saias pagou para as companheiras um guinéu de drinques na taverna Crab Tree. (THOMPSON, 1998, p. 155)

Thompson (1998, p. 183) descreve, ainda, que os motins eram iniciados frequentemente pelas mulheres e aponta que, em 1693, um grande número de mulheres

se dirigiram ao mercado de Northampton, “com facas enfiadas nas cintas para forçar seus próprios preços na venda de cereais”. As mulheres estavam sempre envolvidas nas negociações com os comerciantes dos mercados e se organizavam colocando avisos sobre suas ações nas portas das igrejas ou das estalagens.

Para o autor, a cultura também é descrita como um conjunto de diversos recursos, possibilitando continuamente uma troca entre o escrito e oral, dominantes e dominados, cidade e comunidades, entretanto o termo pode ocultar em seus flancos contradições sociais e culturais. “Não podemos esquecer que ‘cultura’ é um termo emaranhado, que, ao resumir tantas atividades e atributos em um só feixe, pode na verdade confundir ou ocultar distinções que precisam ser feitas” (THOMPSON, 1998, p. 22).

A manifestação da história, marcada pela memória, se estabelece através das diversas narrativas femininas. São os laços afetivos que constroem a cultura feminina que perpassa toda a construção da sociabilidade moderna. As seis mulheres aqui mostradas vivem intensamente um cotidiano compartilhado, criando redes de solidariedade, onde podemos constatar a existência uma força poderosa que nem sempre está em evidência na sociedade, mas é a partir dessa união que se forma a sociabilidade comunitária. A mulher com sua *razão sensível* molda um mundo onde o desejo é uma marca da vida em comunidade.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Branca Moreira, **O que é feminismo**. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- BURKE, Peter. **História e teoria social**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- BURKE, Peter (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, 2011.
- DAVIS, Natalie Zemon. **Nas margens: três mulheres do século XVII**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- DOMINGUES, Cláudia. **A histeria tóxica: libido e fármaco**. Berlim: Novas Edições Acadêmicas, 2013.
- DOSSE, François. **A história à prova do tempo: da história em migalhas ao resgate do sentido**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- DOSSE, François. **O império dos sentidos: a humanização das ciências humanas**. Bauru: EDUSC, 2003.



DUBY, G. et al. **História e Nova história**. Lisboa: Editorial Teorema, 1984.

FREUD, Sigmund. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Editora UNESP, 1993.

HOBSBAWN, Eric e RANGER, Terence (org.). **A invenção das tradições**. São Paulo: Editora Paz e Terra s/a, 2002.

LE GOFF, Jaques. et al. **A nova história**. Trad. Ana Maria. Lisboa, Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1984.

LE GOFF, Jacques. **A Nova História**. Lisboa: Edições 70, 1984.

LOPES, Marcos Antônio. **Fernand Braudel: tempo e história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

NOGUEIRA, N. **História Hoje**. Disponível em <<http://historiahoje.com>>. Acesso em 10 jul. 2015.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

YÚDICE, George. **A conveniência da cultura: usos da cultura na era global**. Belo Horizonte: Editora UFMG; 2004.